

# O POVO VISTO

Antonio Flávio  
Pierucci

Este texto é parte de uma pesquisa amostral realizada em 1982 junto aos padres de paróquia da Arquidiocese de São Paulo.

**A** pergunta, se não era anódina, era modesta. "A Igreja católica exerce alguma influência sobre a sociedade brasileira?" Já as respostas foram surpreendentemente superlativas. E seguras:

*Sim, sim, a Igreja faz parte da alma do povo brasileiro.* (paulista, 34 anos)  
*Muito. Veja o que vira isto se tirar a Igreja: família, costumes, sociedade, cultura. . .* (paulista, 55 anos)

*Influência moral. A Igreja é, quem sabe, a única instituição social, apesar de todas as falhas, que ainda comanda o respeito da maioria do povo.* (irlandês, 38 anos)

*Sim, muito. A impregnação religiosa da sociedade é muito grande.* (fluminense, 48 anos)

*Claro que exerce! Ela tem a grande maioria que é católica.* (gaúcho, 36 anos)

*O povo brasileiro tem toda uma formação católica. Por isso o campo religioso tem enorme influência.* (paulista, 32 anos)

*Exerce. É sua missão estar presente em tudo o que a sociedade vive. Uma presença sem limite. Promover, defender, reforçar, se comprometer. . .* (italiano, 44 anos)

*Exerce. Tem gente que nega este fato, mas exerce. O povo brasileiro é um povo profundamente católico.* (paulista, 45 anos)

*Sim. A História do Brasil mostra que a Igreja e o povo, bem ou mal, caminharam sempre juntos.* (canadense, 40 anos)

*Grande, como eu vejo, muito grande a influência da Igreja neste povo bom, profundamente bom e religioso.* (italiano, 63 anos)

*A Igreja, aqui, é uma força. Os de boa vontade deixam-se orientar pela Igreja. Ela tem coragem para enfrentar as situações difíceis, isso cria confiança nas gentes.* (alemão, 76 anos)

*A religião é o fundamento de toda pátria, e da pátria brasileira o fundamento é o catolicismo.* (espanhol, 37 anos)

*O catolicismo do povo brasileiro é a salvaguarda da nação brasileira.* (mineiro, 56 anos)

# DEMO

---

# FO DO ALTAR:

Eu poderia ficar listando indefinidamente tantas outras variações em torno do mesmo *motiv*, cantado sempre em tom maior. Destaco apenas mais esta:

*Sim, a Igreja exerce muita influência no povo, mas não no poder. Porque ela vai ao encontro das necessidades vitais do povo.* Ela sofre a paixão do povo. (paulista, 35 anos)

Além da possibilidade de respostas abertas, como estas, o questionário previa quatro outras alternativas: 1. Sim, muita influência; 2. Sim; 3. Sim, alguma influência; 4. Nenhuma influência. Dispensado dizer que nenhum entrevistado assinalou a última alternativa. Do total arqui-diocesano, apenas um quarto (24,6%) respondeu em tom menor, "alguma influência". Os restantes todos vieram com um sim sem reservas (75,4%), 38,5% dos quais optaram pela resposta "muita influência". A Tabela 1 apresenta os resultados distribuídos por grupos de idade.

Os padres mais jovens são os mais otimistas. Somente 9% lançam mão de uma

resposta restritiva, e dos 91% que respondem sim sem reservas, nada menos que 50,3% julgam que "é muita" a influência da Igreja católica sobre a sociedade brasileira; é a mais alta proporção de respostas de alto teor dentre todas as faixas de idade. Curiosamente, o segundo grupo etário mais seguro da força social da Igreja é o de idade mais avançada, onde se registram 45% de "muita influência". Não se trata, portanto, de um fenômeno consistente com o avançar da idade, embora nas três primeiras faixas de idade, à medida que se fica mais velho apareça em decrescendo a confiança na força do catolicismo na sociedade brasileira. O ponto mais baixo está entre os padres de 46 a 55 anos, onde só 18,9% respondem "muita influência" e onde as respostas em tom menor, "alguma influência", atingem o pico de 39,4%. Entrando o padre na faixa de idade mais avançada, passados os 55 anos, volta a crescer o otimismo, aumenta a autoconfiança, recupera-se muito da certeza de que afinal o povo brasileiro leva em sua identidade constitutiva as marcas da

# CRACIA OU

Tabela 1

**"A Igreja exerce alguma influência sobre a sociedade brasileira?"  
(Resultados por idade)**

	<b>Até 35 anos</b>	<b>36 a 45 anos</b>	<b>46 a 55 anos</b>	<b>56 anos e mais</b>	<b>Total</b>
Sim, muita influência	50,3	40,5	18,9	45,0	38,5
Sim	40,7	34,6	41,7	29,2	36,9
Alguma influência	9,0	24,9	39,4	25,8	24,6
T o t a l	100,0% (32)	100,0% (35)	100,0% (40)	100,0% (30)	100,0% (137)

Santa Mãe. Como disse aquele italiano de 63 anos, "grande, como eu vejo, muito grande a influência da Igreja neste povo bom, profundamente bom e religioso". Ou como aquele frade pernambucano, 59 anos: "A Igreja aqui tem uma força natural. Nossa história cultural é saturada de catolicismo". Ou esse mineiro de 56, para quem "o catolicismo do povo brasileiro é a salvaguarda da nação brasileira".

Os mais jovens têm em Medellín (1968) a referência para o reencontro da Igreja com o povo. Os muito mais velhos sabem que não. O septuagenário Frei Tanquelmo<sup>1</sup> lembrou-me que, no fim do século passado, foi tão grande o furor provocado pela encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII (de 1891), tão forte o vigor infundido na Igreja europeia e das Américas, tão calorosa a acolhida à nova palavra-de-ordem do papa — a "ida ao povo" —, que o sucessor de Leão XIII (Leão XIII, segundo este velho frade, era "o tipo do aristocrata, de origem aristocrática mesmo"). E no entanto, acrescentava meu informante, entendeu "como nenhum outro antes dele" a necessidade de a Igreja "voltar-se para o povo trabalhador e sofredor"; tanto que seu sucessor ("o Espírito de Deus foi buscá-lo entre os homens do povo"), Giuseppe Sarto, eleito papa de nome Pio X, canonizado santo, era filho de um pequeno camponês casado com uma costureira. Veja só! Por ele (Leão XIII) ter levado a Igreja a debruçar-se de novo sobre o povo, a mergulhar no meio dos mais simples e humildes filhos do povo, Deus, em sua infinita sabedoria, como recompensa por esse gesto histórico tão sábio e tão revigorante para a Igreja, "deu a ela um chefe tirado

justamente das camadas mais simples da Itália católica".

O entusiasmo com que meu informante tentava transportar-me aos tempos de Leão XIII trouxe-me à lembrança um personagem de Georges Bernanos, o velho cura de Torcy, falando a um seu jovem colega de sacerdócio: "Atualmente, isso já passou, você não pode imaginar. Assim, por exemplo, se agora você lê tranquilamente, com a ponta dos olhos, a famosa encíclica de Leão XIII *Rerum Novarum* como se fosse um mandamento de quaresma igual aos outros, naquela época, menino, tínhamos a impressão de sentir a terra tremer sob os nossos pés. Que entusiasmo! Eu era, então, vigário de Norenfontes, em plena região de minas. Essa idéia tão simples de que o trabalho não é uma mercadoria sujeita à lei da oferta e da procura, que não se pode especular com os salários, com a vida dos homens, como se faz com o trigo, o açúcar ou o café, transtornava as consciências, acredita? Por a ter explicado do púlpito a meus paroquianos, acusaram-me de socialista, e os camponeses 'bempensantes' conseguiram que, por castigo, eu fosse transferido para Montreuil. . ."<sup>2</sup>

Outro informante, não tão idoso como frei Tanquelmo, mas bom conhecedor de história da Igreja brasileira, transportou-me até à figura do padre Júlio Maria, um "apóstolo da primeira República" que, no embalo da arregimentação geral acionada por Leão XIII, "pregava a união do que ele chamava as duas únicas forças sociais no mundo de hoje, a *Igreja e o povo*". O comentário que este informante aduzia é digno de registro: "Isto que nos anos 60 chamou-se de 'opção pelos pobres' no arremate do século passado se chamava de 'ida ao povo' ". "Mas

<sup>1</sup> Os nomes dos entrevistados são fictícios

<sup>2</sup> Georges Bernanos. *Diário de um Pároco de Aldeia* pp. 56-57

de que povo então se tratava?", perguntou. "Dos pobres", me responde o padre. "Exatamente como agora" (padre Otfriedo, 59 anos).

Já frei Ludolfo, 54 anos, foi situar a grande guinada na experiência dos padres operários na França, durante a Resistência à ocupação alemã. "Foi durante aquele grande drama vivido pela nação francesa que a Igreja, através de um grupo de padres que se tornaram operários, operários mesmo, de fábrica, de minas, fez a experiência que viria marcar profundamente as gerações seguintes, quero dizer, de que era possível uma comunidade de destino, uma comunhão de vida dos padres com os trabalhadores. E isto marcou, veja você, toda a renovação da própria teologia, da pastoral, da liturgia, dos estudos da Bíblia. . . enfim, mudou muita coisa a partir dali, porque veja só. . . porque simplesmente a Igreja descobriu *de perto* (ele enfatiza) que os países chamados católicos eram 'países de missão'. O povo, a classe operária, os trabalhadores das cidades estavam profundamente des cristianizados, isto se descobriu de perto. E daí, que tinham de mudar toda uma concepção de Igreja, do trabalho pastoral, a Igreja tinha que ser *missionária*. . . não nas missões aos povos pagãos, mas dentro dos próprios países europeus, entendeu?... E tudo isso repercutiu muito no Brasil, na teologia que começou a ser ensinada nos anos 50, muito francesa, o que não foi nada mal na época. Também através do movimento 'Economia e Humanismo' do padre Lebret, um movimento que o padre Lebret criou durante a guerra, na França, justamente para examinar o gravíssimo problema da economia, que cada vez ia ficando mais *desumana*. . . então ele fundou um movimento chamado 'Economia e Humanismo', humanizar a economia, não é? (. . .) A Ação Católica na década de 50 foi muito influenciada, aqui, no Brasil, pelas idéias do padre Lebret. E nos seminários, apesar da proibição de Pio XII, que sustou bruscamente a experiência dos padres operários, em 52, 53, 54. . . por aí, é, acho que foi em 1954 a condenação dos padres operários. . . Mesmo assim, eles já tinham deixado sua marca indelével na consciência do clero, no ensino da teologia, da pastoral. . . Todo esse papo da crise das paróquias vem daí, a constatação do envelhecimento da estrutura paroquial, tudo isso que hoje está por trás das

CEBs, dos grupos de rua, da Pastoral Operária, em suma, muita coisa foi descoberta pela Igreja durante a Resistência. Houve uma grande renovação católica logo depois da segunda guerra, e eu acho que no Brasil foi quando tudo começou."

Para outros, e são vários os que pensam assim, tudo teria começado no Concílio Vaticano II (1962-1965). Cito apenas o depoimento do padre Adalvaro, ex-professor de teologia, um sexagenário: "A Igreja começou a mexer mais com o social no concílio. Foi no Vaticano II que a Igreja mudou mesmo a sua orientação. Antes, naquele tempo, a Igreja estava mais preocupada com os assuntos só espirituais, digamos, 'salva a tua alma', quer dizer, o povo ficava meio esquecido em suas angústias e mesmo em suas alegrias, a Igreja não estava tão preocupada assim com os problemas sociais, com a pobreza. . . o operariado se distanciando cada vez mais da Igreja. . . E o Concílio veio então para dar um remédio, dar um jeito nisso tudo. A Igreja começou a pensar mais no social, em socorrer os pobres, amparar os oprimidos, essas coisas. A própria definição de Igreja que o Vaticano II canonizou foi neste sentido: 'Igreja = povo de Deus'".

**P**elo visto, cada qual põe o começo onde melhor lhe parece. É que, muitas vezes, a história da instituição se confunde com a biografia. Se reconstrói refratada pela biografia. Mas não importa, neste trabalho, investigar ao certo quando foi que as coisas começaram. Anote-se apenas que a data mais remota indicada nas entrevistas abertas foi o pontificado de Leão XIII. E tudo leva a crer que foi o "catolicismo social" incorporado (e oficializado) na encíclica *Rerum Novarum* que, de fato, marcou a gênese do catolicismo contemporâneo. Importa neste momento reter que, ou lá nos finais do século XIX, ou durante os anos da Resistência, ou no Vaticano II, ou em Medellín, ou em Puebla, quase sempre que os eclesiásticos falam em *povo* o termo recorta uma parte do conjunto da população, e "povo" se predica dos pobres, dos fracos, dos trabalhadores, dos oprimidos e assim por diante, dos pequenos, dos humildes, dos simples. . . No 1.º de maio de 1898, na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro (ano XXIV, n.º 121), o padre Júlio Maria escrevia coisas

que hoje ouço dos meus entrevistados:

*Jesus Cristo não adoulo os grandes, os ricos e os poderosos; o padre não deve fazê-lo. Jesus amou com predileção os pequenos, os fracos, os infelizes; o padre deve amá-los do mesmo modo. Jesus Cristo compadeceu-se da multidão; chorou, vendo a miséria das turbas; teve preferência e ternuras infinitas para o povo; o padre deve amar o povo, deve procurar o povo, deve defender o povo, deve unir a Igreja e o povo*<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> PE. Julio Maria. *A Igreja e o Povo*, p. 59.

Isto, dito em 1898. Quase um século depois, um jovem sacerdote me conta entusiasmado a história da opção preferencial pelos pobres, praticamente nos mesmos termos:

*A questão da opção pelos pobres, eu acho que essa questão ficou definida em Medellín (1968); em Medellín a Igreja fez a opção pelos pobres. A partir de Medellín ela começou a fazer uma opção pela classe pobre, pela classe trabalhadora, pela classe que sofre, pelo povo mesmo. Ela começou a reler, a partir de Medellín, o Evangelho segundo uma prática de Jesus mesmo. Que Jesus foi claro, né? Pobre é o pobre mesmo, e é com o pobre que ele anda. Ele andava com pobre, não andava com classe média nem com rico. Embora aqui e ali no Novo Testamento se fale dessa ou daquela classe média ou até pobre de coração, mas ele andava com pobre mesmo. Então, ela começou a fazer, a definir uma prática, a Igreja do lado de quem sofre, de quem tá aí, pastando mesmo. (...)*

*Então, essa opção pelo pobre ela vai desembocando cada vez mais num processo onde você vai vendo que existe uma classe pobre que tem que se organizar. Porque ela é a maioria, ela tem que tomar consciência disso, a classe pobre é a maioria. E a Igreja tem de estar onde está a maioria. O pastor tem de estar onde estão as ovelhas. E as ovelhas dele. . . são os pobres. (. . .) Nós, por exemplo, o Brasil, seja Chile, seja Nicarágua, América Central, enfim, nós somos constituídos por um povo crente por natureza. Um povo que tem necessidade de Deus, um povo que tem necessidade de uma religião. (Padre Cuniberto, 28 anos)*

<sup>5</sup> Leonardo Bott, *O Caminhar da Igreja com os Oprimidos* n. 141.

Em ambos os discursos o vocábulo povo se substitui e é intercambiado com outros termos que delimitam um espaço econômico-sociocultural determinado: povo são os pobres, a classe pobre; povo são os fracos, os pequenos, os infelizes; povo é a classe que sofre, é quem está pastando. E, ao recortar-se desse modo a sociedade, ela é cortada em dois, em duas partes qualitativa e quantitativamente diferentes: quantitativamente, a maioria e a minoria; qualitativamente, a maioria crente e a minoria sem Deus. Fica-se, pois, com a maior parte, opta-se pela maioria. "A Igreja tem de estar onde está a maioria." O padre Júlio Maria, em 1898, também tinha presente que unir-se aos pobres era aliar-se à maioria: "...como o Cristo, fazemos nossa a causa dos pequenos, dos fracos, dos pobres, isto é, da maioria do gênero humano"<sup>4</sup>. "Povo", então, ao dizer "pobre", diz igualmente "multidão". Quando aparece o termo classe, ele não raro vem destituído de uma vertebração maior, e aí "classe pobre" é perfeitamente intercambiável — claro, há sutilezas nessa dança de nomes — com "massa sofredora" e "povo sofrido". E "pobre coitado". A minoria é a elite, a parte dirigente, são as "seitas governamentais" do discurso católico do final do Império, os grandes, os poderosos, os hábeis, os ricos, os opressores do povo (e da Igreja, não raro!), "os filhos da primeira Ilustração", os filhos do século XVIII, os quais — segundo dizia em 1980 o teólogo da libertação Leonardo Boff — compõem "hoje as nossas elites intelectuais e econômico-sociais. Elas são, geralmente, a-religiosas, indiferentes, e guardam apenas ritualmente alguma referência com o cristianismo, por ocasião do batismo, do casamento e do enterro. De resto, possuem um soberano menosprezo pelo povo e por sua religiosidade 'anacrônica', não ilustrada e ignorante. O *ethos* que vivem, efetivamente, se orienta mais pelas ideologias e práticas consagradas dentro do capitalismo do que pela inspiração cristã"<sup>5</sup>.

A palavra povo na linguagem eclesial não opera em sua semantização um recorte apenas econômico (pobres x ricos) desdobrado em sua dimensão quantitativa (maioria x minoria); opera também um recorte na ordem da cultura, jogando para o lado de lá, definindo-a como o *outro* lado, a minoria composta pelos "filhos da primeira Ilustração".

Vale dizer, a minoria é a *modernidade*, seu constituinte cultural ao mesmo tempo em que sua obra; este "mundo moderno" é minoria. O encavalamento de distinções que recobrem, em extensões e dimensões diversas, os *mesmos* campos opostos (com o nome "povo" os eclesiásticos delimitam o campo no qual eles se encontram "por opção", segundo eles próprios) exclui agora do povo a "minoraria" cujo referente é também o "mundo moderno", já que minoria ilustrada, a-religiosa, indiferente; e, além de tudo, arrogante. O povo, ao contrário, é profundamente religioso, humilde, oprimido por essa minoria de ateus e agnósticos. Num deslizamento semântico, os opressores do povo são ditos, implicitamente neste caso, mas explicitamente em outros, perseguidores do "Deus do povo" ou, na melhor das hipóteses, ativamente distanciados de Deus assim como do povo. Veja-se o modo como o padre Gotardo, 42 anos, contou sua trajetória até se tornar um padre do povo:

*Eu comecei a estudar teologia em 1966, justamente na época pós-conciliar, o concílio terminou em 65. Então, os estudos do concílio eram fresquinhos ainda, os professores tinham de estudar muito para transmitir aquilo pra gente. E, naquela época, a grande preocupação da gente enquanto seminarista era justamente o padre exercer uma outra profissão, ter um outro trabalho, ter um título universitário. O nosso estudo não era reconhecido e a preocupação era fazer o estudo ficar reconhecido, trabalhar para se valorizar, adaptar-se ao mundo moderno. (...)*

*De lá pra cá, desenvolveu-se a teologia da libertação que está voltada mais para uma solidariedade com os pobres, os esfomeados, os empobrecidos, para ajudar esse pobre a sair da sua pobreza — que a pobreza não é um bem — e ter uma vida decente. Então, a grande virada que eu vejo foi esta. É... passou-se da mania de modernismo e secularismo para um compromisso com a classe pobre. (...)*

*Naquela época, logo depois do concílio, a gente queria ser um padre moderno. Fugir do esquemão, ser um padre diferente do padre tradicional. Simplesmente um padre moderno, entende? Hoje a preocupação não é ser um padre moderno, mas é ser um padre do povo.*

*Voltado para o povo, vivendo para o povo, solidário, para ajudar o povo a fazer sua caminhada de libertação. E nesse ponto é claro que o passo foi grande. Para melhor... é, para melhor. E o padre está para servir o povo. E não ser aí muito moderno, se é justamente o modernismo que está distante do povo, que atazana a vida do povo.*

Sintomaticamente, o padre do povo é definido relacionalmente, pela exclusão de um modo de vida dito moderno, o referente de modernidade sendo o "secularismo"; ao "modernismo que está distante do povo, que atazana a vida do povo", opõe-se o novo modelo de padre, vivendo com o povo. "Não apenas para o povo", vai grifar um outro entrevistado, "mas com o povo e como o povo. Uma Igreja que se volta para o povo é também uma Igreja que se sente povo. Procura entender, procura-se colocar dentro, ser solidário com o dia-a-dia do povo, acatar integralmente a situação do povo. Com humildade... (...) É uma volta da Igreja ao mistério de Cristo, que nasceu pobre, que assumiu a pobreza. Nós estamos constantemente vivendo o mistério do Natal." (padre Erlembaldo, 38 anos)

**D**e que povo se trata, em suma? Lembra Bourdieu que "povo", "classes populares", "meios populares" etc. são conceitos de geometria variável. Tais conceitos "devem suas virtudes políticas ao fato de seu referente poder-se estender à vontade até incluir — em período eleitoral, por exemplo — os camponeses, os 'quadros' e os pequenos patrões, ou então, ao contrário, restringir-se apenas aos trabalhadores da indústria, até mesmo unicamente aos metalúrgicos (e a seus representantes nomeados)"<sup>6</sup>. "ao fato de que cada um pode, como num teste projetivo, manipular inconscientemente sua extensão para ajustá-la aos seus interesses, aos seus preconceitos ou aos seus fantasmas sociais"<sup>6</sup>. Vimos que na linguagem do clero o vocábulo povo tende a excluir as elites, que se predicam ora como o poder político (o Estado, o governo, as seitas governamentais), ora como o poder econômico (os ricos, os plutocratas), ora como as minorias secularizadas e cultas, "os filhos da primei-

<sup>6</sup> P. Bourdieu. "Vous avez dit 'populaire'?", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* n.º 46, março 1983. p. 98.

ra Ilustração". Vimos que do povo se diz que são os pobres, os fracos, os pequenos, os infelizes, os simples. . . Pois bem. O questionário comportava uma pergunta que se enunciou nos seguintes termos: "No seu modo de ver as coisas, quem é o povo brasileiro?", pergunta aberta com um espaço de cinco linhas para a resposta.

A Tabela 2 mostra os resultados a que se chegou depois de um cuidadoso e lento processo de codificação, em que se foram delineando e sedimentando as seguintes categorias sintéticas de respostas: 1. todos os brasileiros; 2. os pobres; 3. os simples; 4. as classes dominadas; 5. a parte organizada da população; 6. um cadinho de raças. Cruzadas por faixas de idade, estas famílias de respostas resultaram numa distribuição deveras significativa. Tudo me faz crer que o questionário se constitui num instrumento confiável quando se trata de desembaraçar as diferentes camadas superpostas, os referentes de extensão distinta, misturados, que aparecem como intercambiáveis quando se trabalha apenas com o discurso em fluxo livre, característico das entrevistas abertas. Senão, vejamos.

Do total arquidiocesano, 17% dos padres preenchem o vocábulo povo com o conjunto da população: todos os brasileiros, todos os que vivem no Brasil, toda a população. . . A maior frequência, porém, como era de esperar, coube ao referente *pobres*: "os pobres", "os marginalizados", "os necessitados", "os deserdados", "a massa carente", "os empobrecidos". . . com 29,5% das respostas, vindo logo em seguida, com 21,5% das respostas, "os simples", "os sem-cultura", "os menos cultos", o "zé-povinho", "a massa inculta"... Apenas 13,2% dos padres pensam o povo tendo como referencial a relação antagônica entre as classes: o povo são "as classes dominadas", "os camponeses e operários", "os expropriados dos meios de produção", "a classe operária", "a classe trabalhadora", "os verdadeiros produtores da riqueza do país", "as classes subalternas", "a classe explorada". . . Se este linguajar é um indicador da presença ou do influxo das representações e concepções marxistas no modo de pensar do clero paroquial, a conclusão a que se chega é que o alarde em torno da "marxização" da Igreja brasileira pode estar sendo, no mínimo, desproporcional. Ainda em menor número (10,5%) aparecem os que por povo

entendem apenas "o povo organizado", "a parte organizada", "os conscientizados"; muitos destes referem-se explicitamente à distinção entre "povo" e "massa", distinção que, me informam, "Pio XII consagrou em sua alocução do Natal de 1944, quando definiu povo como algo orgânico e dotado de vida própria em contraposição à massa, essa coisa amorfa e inerte, facilmente manipulável pelos poderosos" (padre Eulógio, 66 anos). Finalmente, 8,3% das respostas movem-se no terreno da pluralidade étnica que faz do povo brasileiro "vários povos", "uma mistura de etnias", "um cadinho de raças", "várias origens e nacionalidades". . . e assim por diante.

Mas é na distribuição etária das respostas que o recurso ao questionário mostrou que funciona. É graças a ele que se torna palpável uma dimensão temporal das variações.

A maior ou menor extensão do referente para o nome povo, a precisão maior ou menor com que se recorta o conceito, o campo de relações para o qual remetem os significados atribuídos, variam com a idade dos entrevistados. São variações muito expressivas. Algumas das progressões resultantes desse cruzamento são mesmo surpreendentemente consistentes, quer direta quer inversamente ao avanço na escala etária. Entre os mais jovens, é onde comparece com a maior frequência o referente "pobres e marginalizados"; mais da metade desta faixa de até 35 anos, quando diz "os pobres" (55,2%); é também nesta coorte de idades que se verifica a maior porcentagem (24,1%) de respostas de cunho nitidamente classista, tributárias de uma concepção marxista, taxa que cai para 20,1% na faixa de idade imediatamente seguinte, descendo vertiginosamente para 5,6% entre os de 46 a 55 anos, até atingir seu ponto ínfimo nos 3,4% encontrados no grupo mais idoso. Percurso igualmente descendente, mas com outras variações de intervalo entre cada uma das coortes, perfaz o referente "pobres" à medida que se sobe na escala etária, partindo com mais da metade do grupo mais jovem para chegar a pouco mais de um oitavo entre os mais idosos.

Do povo também se diz que são os simples. "Frequentemente durante a viagem ouvira Guilherme nomear os simples, termo com que alguns de seus confrades designavam não apenas o povo, mas ao mesmo tempo os incultos. Ex-

pressão que sempre me pareceu genérica (. . .). Por isso acho que mesmo meu mestre, quando falava dos simples, usava um conceito bastante simples<sup>7</sup>."

Não só em fins do século XIV costumavam os religiosos mencionar por povo os simples, os incultos. Na São Paulo de fins do século XX não foi nada infrequente ouvir os padres das paróquias designarem o povo como os incultos, os desprovidos intelectualmente, aqueles a quem falta o traquejo das coisas do raciocínio e das sutilezas da *doctrina*, os ignorantes, e, além do mais, no Brasil, os sem leitura, semi-analfabetos quando não totalmente iletrados. Quantos nesta pesquisa vestem o povo da simploriedade do "zé-povinho"? 21,5% do total dos entrevistados. O que faz com que o emprego do referente "os simples" apresente a segunda maior frequência, vindo logo depois de "os pobres". Mas pela Tabela 2 (e não falta um movimento nisso que se vê) quem mais frequentemente manipula o conceito de simples para predicar o povo são os mais velhos. Sinal dos tempos? Signos indicando que o modo de pensar de muitos séculos se estaria esfumando? Uma mentalidade em fim de linha? Ou fruto amadurecido na duração apenas biográfica dos informantes, experiência acumulada com o passar dos anos na cinzenta vida de um cura de almas, essa tarefa de Sísifo de endoutrinar "os de dura cerviz", reverter infindavelmente os já convertidos, domesticar as consciências renitentes, labor não muito pródigo em louros nesses tempos de crescente sincretismo, quando não de secularização do espírito do *uomo qualunque*?

O que se pode dizer, só com esta pesquisa, é pouco: apenas que, quanto mais andado em idade o padre, mais tende a nomear os simples quando fala do povo. Tal referente vai crescendo em frequência, mas em intervalos irregulares: parte de 3,6% na faixa mais jovem e, num grande salto, atinge o patamar de 23,3% e 24,5% nas faixas intermediárias, subindo sempre até chegar ao pico de 34,5% junto aos padres de 56 anos e mais. Além disto, aparece também com a maior taxa quando se olha a distribuição dos diversos referentes internamente à coorte de idade avançada; ou seja, entre os padres mais idosos é maior a proporção dos que designam o povo como os simples, os incultos, os menos cultos, a massa inculta (a plebe ignara?), e por

aí afora, do que os outros desta faixa que manipulam o termo povo de outras maneiras.

É também elevada entre os mais velhos a proporção dos que, ao dizer povo, incluem aí todo o conjunto da população, "todos", estendendo a tal ponto o conceito que ele se universaliza subsumindo as diferenças. E, então, "povo brasileiro" significa "todos os brasileiros", "toda a população brasileira". Alguns até, zelosos de garantir o máximo de universalidade para o referente, evitam até mesmo o que poderia soar como restrição nacionalista excludente; por isso, mencionam "todos os que vivem no Brasil". Afinal de contas, há muitos estrangeiros na população brasileira; e muitos, também, entre os próprios entrevistados. A proporção desses universalizadores, alta de 24,1% no grupo mais idoso, atinge na faixa dos 46 aos 55 anos seu pico mais elevado, com 29,9% de respostas globalizadoras. Não obstante a não linearidade da regressão quanto mais jovem o padre, menos tende a globalizar o conceito. Respostas deste teor, só 2,4% no grupo mais moço.

Ora bem, se quando maneja o conceito de povo o padre está, no mesmo movimento, definindo um público para a Igreja, o destinatário da ação evangelizadora e da aliança salvífica, é possível entrever, pela Tabela 2, que os padres das duas faixas etárias mais avançadas mantêm um discurso mais ambíguo, mais aberto, o menos possível excludente, o mais possível inclusivo, isto é, tendente a incluir o maior número de indivíduos e grupos na destinação de seu trabalho pastoral. Já o discurso dos mais jovens é bem mais claramente direcionado, bem menos ambíguo nos recortes que faz e bem mais tranquilo quanto às exclusões e rejeições que opera seu modo de conotar o povo, pelo qual afinal "optaram". Aqui não se trata de rejeições inconscientes, cabe frisar desde logo, como parece ser inconsciente a exclusão dos não-brasileiros por aqueles que (brasileiros ou estrangeiros) designam como povo brasileiro apenas os brasileiros, mesmo quando dizem todos os brasileiros. O discurso dos mais jovens recorta mais decididamente a população, optando por um dos lados do campo, pensado por um quarto deles como o campo da luta de classes.

Já as respostas que remetem explicitamente para o *melting-pot* brasileiro, para a cadinho de raças etc., apresentam

<sup>7</sup> Umberto Eco, *O Nome da Rosa*, pp. 220-221.



um perfil mais atribulado na sucessão da escala etária, mas assim mesmo o ponto mais baixo está no grupo mais moço e o pico, no grupo mais velho. Finalmente, chama a atenção na Tabela 2 a recorrência e constância com que perpassa todas as idades a pequena taxa de respostas que fazem do nome povo um predicado exclusivo dos grupos organizados e dos setores conscientizados.



s modos de semantizar o termo povo, tendo-se mostrado tão bons discriminantes de diferenças nas mentalidades vigentes em cada geração, tão bons indicadores dos "interesses, preconceitos e fantasmas sociais" de cada grupo generacional, teriam eles a ver também com as preferências partidárias dos padres? Dado que o número de casos de adeptos ou simpa-

Tabela 2

**"No seu modo de ver as coisas, quem é o povo brasileiro?"**  
(Resultados por idade dos padres)

Quem é o povo	Até 35 anos	36 a 45 anos	46 a 55 anos	56 anos e mais	Total
<b>Os pobres</b> , os marginalizados, os necessitados, os carentes, os deserdados, os empobrecidos...	55,2	25,0	24,1	13,7	29,5
<b>Os simples</b> , os sem-cultura, os menos cultos, o "zé-povinho", a massa inculta...	3,6	23,3	24,5	34,5	21,5
<b>Todos</b> os brasileiros, todos os que vivem no Brasil, a população brasileira...	2,4	10,7	29,9	24,1	17,0
<b>As classes dominadas</b> , as classes trabalhadoras, as classes exploradas...	24,1	20,1	5,6	3,4	13,2
<b>A parte organizada</b> , os conscientizados, os conscientes. . . (povo ≠ massa)	10,3	10,2	10,8	10,5	10,5
<b>Vários povos</b> , diversidade étnica, diversidade cultural, cadinho de raças, mistura de etnias. . .	4,4	10,7	5,1	13,8	8,3
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 3

**"No seu modo de ver as coisas, quem é o povo brasileiro?"**  
(Resultados por preferência partidária dos padres)

Referentes do termo "povo"	PT	PMDB
<b>Os pobres</b> , os marginalizados, os necessitados, os carentes, os deserdados...	30,6	31,6
<b>Os simples</b> , os sem cultura, os menos cultos, o "zé-povinho", a massa inculta. .	8,2	6,3
<b>Todos</b> os brasileiros, a população brasileira, todos os que vivem no Brasil...	6,1	15,8
<b>As classes dominadas</b> , a classe trabalhadora, as classes exploradas. . .	32,7	2,6
<b>A parte organizada</b> , os conscientizados, os conscientes. . . (povo ≠ massa)	16,3	5,3
<b>Vários povos</b> , diversidade étnica, diversidade cultural, cadinho de raças...	6,1	7,9
Total	100,0%	100,0%

tizantes de três dos partidos — o PDT, o PTB e o PDS — era pequeno demais, não foi possível usar como variável independente a preferência por estes partidos. Trabalhamos por isso com os dois de maior aceitação entre o clero de São Paulo, o PT e o PMDB. Funcionou. A Tabela 3 mostra que as diferentes manipulações do conceito de povo têm muito a ver com os alinhamentos partidários.

Os que pelo nome povo designam "os pobres" repartem-se de maneira praticamente igual entre os dois partidos. Já os que por povo designam "os simples" são a maioria entre os peemedebistas, enquanto entre os petistas a maioria recorta como povo "as classes dominadas e exploradas". Os universalizadores do conceito de povo ("todos. . .") comparecem em maior proporção entre os peemedebistas do que entre os petistas e, inversamente, os que restringem o conceito a "povo organizado" pesam mais entre os alinhados com o PT do que entre os adeptos do PMDB. Mais não é preciso dizer.

Juntamente com a pergunta "*quem é o povo*" perguntou-se também "*como é o povo brasileiro*". Claro, o pesquisador viu-se imerso num mar de adjetivos que só muito pacientemente (ainda que jamais de modo perfeito e exato) foi conseguindo agrupar em conjuntos, ou constelações de qualificações, os predicados atribuídos ao "povo brasileiro". Em seguida, cada um desses conjuntos foi codificado em termos de presença/ausência em cada questionário (aparece/não aparece o adjetivo); dada a ocorrência em um mesmo questionário de adjetivos que remetem para conjuntos diferentes de qualificações, convém lembrar que, por isto, os dados das colunas da Tabela 5 não se somam; cada uma das linhas apre-

senta as freqüências de *presença* daquela classe de predicados, e em cada linha as porcentagens se complementam com as freqüências de *ausência* daquela família de adjetivos; numa palavra, cada linha soma 100% com as ausências. Este esforço pôde permitir entender melhor não apenas a visão que o clero (este clero) tem do povo brasileiro, mas também lançar um pouco mais de luz sobre a missão que estes padres se atribuem, de formadores da consciência política do povo. Sim, porque quando postos diante do enunciado "É missão da Igreja formar a consciência política do povo?", nada menos que a elevadíssima taxa de 88,6% do total arquidiocesano respondeu que concorda sem reservas. E, nota-se, é um fenômeno que cruza em patamar elevado todas as faixas de idade. Veja-se a Tabela 4. Há uma ligeira queda quando se desce na escala etária, passando por um pico de 94,8% na faixa de 46 a 55 anos. Está na lógica: o apoliticismo das massas (católicas) não é interessante para a Igreja católica.

Com efeito. Basta olhar a Tabela 5 e conferir: o conjunto de predicados que aparece com a maior freqüência gira justamente em torno do apoliticismo do povo brasileiro, da falta de politização do povo, de sua apatia e alienação, de sua desorganização ou de sua não-organização, de sua resignação e de seu conformismo, de sua carência de espírito crítico, de sua falta de "consciência". Apolítico, despolitizado, alienado, acomodado, conformista, resignado, desorganizado, desprovido de consciência, inconsciente, não sabe a força que tem, não participante, apático, amorfo, inerte, inerme, desarmado, empacado. . . e por aí afora.

A este se sobrepõe um outro conjunto de qualidades que fazem referência à pas-

**Tabela 4**  
**"É missão da Igreja formar a consciência política do povo?"**  
**(Resultados por idade dos padres)**

	Até 35 anos	36 a 45 anos	46 a 55 anos	56 anos e mais	Total
Concorda sem reservas	83,3	85,7	94,8	89,3	88,6
Concorda mais ou menos	6,7	2,9	2,6	3,6	3,8
Discorda	10,0	11,4	2,6	7,1	7,6
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

sividade, à carneirice, ao espírito de submissão, predcados que envolvem em suas ressonâncias os atributos de ignorância, ingenuidade, humildade, inocência, credulidade, "o povo é uma criança", e, em cadeia com a Síndrome do brasileiro cordial, amigável, bom por natureza, pacato, pacífico, generoso, fraterno e acolhedor, terminam por desenhar as formas teratológicas (não sem incursões densamente alusivas ao corpo religioso) do carneiro e da vaca de presépio. Quando não, do pobre diabo. Leia-se pacientemente a lista de adjetivos estampada na Tabela 5.

Não sei se o que resulta da leitura desta lista é um quadro ou uma ária, um ícone sombrio ou um cântico de lamentação. Quadro ou ária, imagem ou música, só sei que é um retrato. Me traz à lembrança o conceito de *pentimento* em pintura, tão bem trabalhado por Lillian Hellman em seu romance. O retrato do povo brasileiro que se forma ao final desta leitura aparece, na verdade, como o resultado de uma superposição de camadas de concepções, de pontos de vista, de modos de ver o povo que em parte são simultâneas e em parte sucessivas —

e, nesta pesquisa, trabalhar os dados por idade mostrou-se fundamental para melhor compreensão de uma instituição como a Igreja —, em parte se completam e se reforçam, em parte se diluem uns nos outros. Deste modo, a mim começa a parecer que a ênfase que as análises recentes sobre a Igreja católica, no Brasil e fora do Brasil, vêm dando sobre as divisões dentro da Igreja, sobre suas clivagens ideológicas internas, insinuando forças que tenderiam a se excluir, que apresentariam tendências centrífugas a partir de certos caminhos começados a trilhar sem retorno, no mínimo, tais análises exageram não por excesso, mas por deixarem de ver este outro aspecto da questão: esta superposição que resulta em constantes composições, onde — se afina o ouvido e se apuram os olhos — pode-se perceber uma ressonância e uma configuração que eu quase ousa dizer unitária.

Afinal de contas, o catolicismo são vários, mas também é um. É esta visão de mundo e não outra. Não a soma de suas partes como num feixe de tendências. O que se sente com a leitura demorada da Tabela 5 é justamente este modo de ver

Tabela 5

**"Como é o povo brasileiro?"  
(Resultados por idade)**

Qualificações	Até 35 anos	36 a 45 anos	46 a 55 anos	56 anos e mais	Total
Apolítico, despolitizado, alienado, acomodado, conformista, resignado, desorganizado, sem consciência, inconsciente, apático, amorfo, empacado, inerte, não participa...	30,0	47,0	52,8	26,1	40,3
Ingênuo, inocente, crédulo, ignorante, simples, humilde, passivo, submisso, carneiro, manipulável, vaca de presépio, manso...	22,5	24,6	33,2	47,9	32,0
Cordial, bom, amigável, pacífico, muito humano, generoso, acolhedor, boa índole, bom demais, pacato, fraterno, exemplo de fraternidade universal, o povo "mais bom" do mundo...	8,2	18,1	30,2	32,2	22,6
Sofrido, sofredor, passa necessidades, sem saúde, desnutrido, faminto, doente, carente, desamparado, infeliz...	50,7	8,4	17,7	11,2	21,8
Explorado, esbulhado, oprimido, injustiçado, espoliado, dominado, pisoteado, esfolado, judiado, esmagado, marginalizado, usado e abusado...	57,3	41,6	35,9	22,4	39,3

OBS.: Os percentuais não se somam: respostas múltiplas

católico, no singular, que costura, mais que costura, transpassa as divergências de visão e os aportes generacionais. Além da não-simultaneidade do simultâneo, esta lista de adjetivos deixa transparecer a simultaneidade do não simultâneo, ou para avançar um pouco mais, a homogeneidade (católica) do heterogêneo. Numa pesquisa quantitativa, que facilita enormemente o tratamento das diferenças, é preciso ter a sensibilidade de não perder uma identidade de fundo que caracteriza o pensar à moda católica.

*Old paint on cativas, as it ages, sometimes becomes transparent. When that happens it is possible, in some pictures, to see the original lines: a tree will show through a woman's dress, a child makes way for a dog, a large boat is no longer on an open sea. That is called pentimento because the painter "repentend", charted his mind. Perhaps it would be as well to say that the old conception, replaced by a later choice, is a way of seeing and seeing again. (Lillian Hellman, Pentimento)*

No retrato do povo brasileiro estampado nas Tabelas 2 e 5 dá para sentir ressonâncias remotíssimas dos tempos apostólicos, ou medievais, ecos de uma *lied* romântica a combinar-se com refrões e consignas da segunda Ilustração, cada geração agregando uma nova cor ou carregando um velho matiz já meio apagado, cada qual introduzindo variações melódicas sobre o mesmo tema, mudanças na harmonia às vezes, às vezes dissonâncias, cada uma refrangendo diferentemente a mesma ou aportando novas tonalidades de cor, frias, quentes, vibrando em frequências diversas as mesmas notas, orquestrando os movimentos ora em tom maior, ora em menor. O retrato é de agora mas também de tanto tempo atrás!... Como a "paixão" que o inspira. Ela é de agora e de antanho a um só tempo.

Quando as velhas concepções e paixões se deixam transparecer refratadas pelas novas camadas, e estas surgem como contribuições desde já transpassadas pelas velhas, combinando-se e contaminando-se e filtrando-se reciprocamente, o retrato do povo que daí resulta diz simultaneamente do modo em que uma vez se configurou e do modo como hoje se configura este destinatário/destinador da

missão do clero quando este vem e diz que quer acompanhar o povo em sua paixão. Como disse um entrevistado, "sofrer sua paixão". Para não retroagir muito longe no tempo, nos últimos cem anos houve uma recorrência flagrante do termo povo no discurso católico, vocalizando uma direção recorrentemente traçada para o labor pastoral, a *ida ao povo*. A consigna, nestes precisos termos, é do pontificado de Leão XIII. *Allez au peuple! Andate al popolo!*

Nas duas últimas décadas do século passado o papa ensinou aos católicos do mundo inteiro, principalmente aos padres e bispos, a não se fiarem nos regimes políticos — eles passam — e conclamava-os a se aliarem ao povo. Que este permanece. Pois veja-se, a propósito, o seguinte texto da CNBB, datado de 1975, que nada fica a dever aos escritos de Leão XIII sob um duplo aspecto: em sua des-solidarização com os regimes políticos e na aposta de sua duração no povo. Uma mesma postura básica. "A ação da Igreja, nas comunidades de base, começou espontaneamente, foi um processo que nasceu do Espírito. É difícil não reconhecer nele um sinal dos tempos. Hoje é possível situar o processo numa perspectiva ampla, que parece revelar que estamos diante de um processo tendente a promover uma conscientização crescente das bases comunitárias, que prepare o povo para a afirmação de sua liberdade em face do poder, de sua responsabilidade, de sua dignidade e de seus direitos, inclusive os que lhe são outorgados pela própria lei. Tal processo lento e no nível dos valores é que dá sentido a essa grande e alvissareira transformação que se vem operando entre os mais humildes dos nossos irmãos. O que estão fazendo aqueles que se comprometeram com as bases é muito maior e mais importante talvez do que eles pensam. *Os sistemas, os regimes, os governos, todos passam, mas o povo fica*, e é junto ao povo que eles trabalham, dando-lhes uma dignidade que transcende as conjunturas políticas"<sup>8</sup>.

Nos primeiros anos da República brasileira, em 1898, em artigo na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, o publicista católico padre Júlio Maria escreveu, ecoando a consigna de Leão XIII:

*Hoje, sob o ponto de vista social, só há duas forças no mundo: a Igreja e o povo.*

<sup>8</sup> CNBB. "Pastoral Social" *Estudos da CNBB* n° 10. pp. 26-27

*Uni-las é o ideal do papa; concorrer para essa união é, em cada país, o dever dos católicos, principalmente do clero.*

*Nós, porém, não poderemos conseguirla, nem desviando-nos da rota que a Igreja segue, nem separando-nos do povo. (. . .)*

*A união do povo e da Igreja — que campo tão vasto para a atividade dos padres e dos católicos! Que missão gloriosa para o clero contemporâneo! Que excelente e providencial recurso para o clero brasileiro! Este recurso não compensa excessivamente os privilégios perdidos (com a proclamação da República)? Não é mais bela para o clero a aliança do povo que a proteção dos governos?! Não nos é lícito encastelarmo-nos nos santuários, e, contemplando de longe o povo, pensar que fazemos a obra de Deus só com as nossas devoções, as nossas festas e os nossos panegíricos. (...) Não é esse o papel do catolicismo nos tempos modernos. Os católicos e os padres não podemos aceitá-lo. O nosso dever é mais nobre, mais patriótico e mais cristão: — é fazer nossa a causa social; e, para que a verdade católica triunfe nela, unir, e num só desiderato, as duas grandes forças do mundo: — a Igreja e o Povo<sup>9</sup> (grifo meu).*

<sup>9</sup> Padre Júlio Maria, *op. cit.*, pp. 35, 37 e 38.

N o alvorecer do período republicano os partidários da reforma da Igreja brasileira, já liberta da proteção mas também das cadeias do padroado da Coroa, reforma essa visando a ajustá-la ao figurino romano (o que é apenas um modo eufêmico de nomear o aumento do controle vaticano sobre o catolicismo brasileiro), tiveram de passar pelo catolicismo social adotado por Leão XIII. Deveram abraçar esta corrente do catolicismo que, dentre as várias em disputa nos séculos XVIII e XIX, o Vaticano de Leão XIII houve por bem adotar oficialmente e erigir como meta, catolicismo social este que entre leigos e muitos clérigos também se chamou de "democracia cristã" e que nada tinha a ver com a democracia liberal. Tratava-se, na verdade, de procurar um casamento indissolúvel com o povo, tornando a Igreja a causa dos pobres, dos pequenos, dos fracos, dos proletários, de tal maneira que a Igreja

fosse em cada país ao mesmo tempo representante de Deus e representante do povo. Identificar-se com o povo a ponto de, em nome do povo, pressionar os governos (enfrentar "as seitas governamentais", como dizia o episcopado brasileiro no fim do século passado).

Antes que adotar um regime político, a Igreja deveria construir a sociedade a partir de baixo. Era esta a inspiração básica da chamada Democracia Cristã do fim do século XIX. Tem sido este, desde então, o desiderato de todos os reformadores da *Eccllesia semper reformanda*: impregnar de sua presença o tecido social a ponto de ela poder legitimamente identificar-se com o povo, o povo católico, o bom povo, o povo fiel, identidade formada no jogo de espelhos de uma aliança mística original e constitutiva, de um pacto de origem a ser preservado e constantemente renovado. Desde então a Igreja descobriu o *social*. E juntamente com o *social* a Igreja reassumiu sua demofilia, redescobriu-se como "popular", e acabou por forjar sua própria concepção de democracia por oposição à democracia liberal, como um seu contrário, num outro jogo de espelhos e deslizamentos conceituais peculiaríssimo. "Nunca se repetirá o bastante: com exceção do nome em comum, a concepção cristã da democracia foi durante muito tempo tão estranha aos ideais da democracia burguesa e liberal, quanto hoje o é a teoria socialista de uma democracia popular em face de uma democracia de tipo parlamentar: uma não pode aparecer à outra senão como sua negação. Seu 'sim' ao regime democrático só pode ser, na doutrina, um 'sim, mas', 'com a condição de precisar em que sentido', 'à la chrétienne' (...). A democracia cristã em seus inícios não devia nada e não pedia nada à democracia saída de 1789. Desta, só podia esperar coisas ruins; ela era sua antítese, ou sua alternativa. (...) É verdade que a democracia cristã jamais ignorou ou evitou a política: simplesmente, deliberadamente, sua hostilidade ao 'país legal' incitou-a a procurar o 'país real', a praticar a ação de base e a organização de base para, antes de tudo, pôr de pé uma força, numa época em que ela podia, tranqüilamente, sem mais, constituir um partido de notáveis<sup>10</sup>. É nas profundezas das entranhas do corpo social, no próprio tecer-se do tecido social, que a Igreja católica pensa encontrar sua vida. E sobrevida."

<sup>10</sup> E. Poulat *op. cit.*, pp. 154-155.

A retomada da expansão institucional da Igreja no Brasil que a liberdade republicana propiciou, bem como sua reforma intelectual e moral, sua "romanização", tiveram lugar sob o signo de Leão XIII. Dizer sob o signo de Leão implica lembrar que o renascimento católico se fazia dentro do espírito pragmático do indiferentismo às formas de governo, como também dentro de um programa de catolicismo *social*, de alinhamento à palavra de ordem "ida ao povo". Ao indiferentismo religioso da primeira constituição republicana do Brasil, a Igreja respondia com seu indiferentismo pelos regimes. Tolerou a primeira constituição da República até que se sentiu bastante forte, bastante confiante em sua implantação "no povo" para, pela voz do cardeal Leme na inauguração do Cristo do Corcovado em 1931, desafiar: "O Estado reconhece o Deus do povo, ou o povo não reconhecerá o Estado!"<sup>11</sup>. No Brasil republicano, certamente foi e tem sido este um dos eixos articuladores da maneira como a Igreja (romana) no Brasil apreende a realidade brasileira, monta e remonta sua estratégia, espiritual e "temporal": olhasse especularmente como "o povo" e, em nome deste, fala e pressiona: "... ou o povo não reconhecerá o Estado!"<sup>12</sup>.

Em julho de 1981, o cardeal de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, entrevistado sobre as relações conflituosas entre Igreja e Estado no país, responderia que as dificuldades existiam não entre o Estado e a Igreja, mas entre o Estado e a nação, entre o governo e o povo. E argumentava: "A Igreja se considera como o povo de Deus, o povo organizado. Ela participa da história do povo". Por isto, a seu ver, a pergunta do repórter estava mal formulada. A maneira correta de pôr a questão, segundo o cardeal, era a seguinte: "Como vão as relações entre o governo e o povo, entre o Estado e a nação?". É em função disto, concluía dom Paulo, em função das relações entre Estado e povo que se pode dizer se as relações entre o Estado e a Igreja vão bem ou menos bem<sup>13</sup>. Nos meses seguintes explodiria a crise da prisão dos padres franceses no Araguaia pela polícia federal. A prisão aconteceu no dia 1.º de setembro de 1981. No dia seguinte os jornais publicaram a reação de vários bispos. Numa delas, a de Mauro Morelli, bispo de Caxias do Sul (RJ), retornava o mesmo refrão: "A Igreja está unida

ao povo pela solução de seus problemas, por um caminho de não-violência. (...) E há vozes se levantando para dizer que a Igreja está contra o governo. Mas ninguém pergunta se o governo está a favor do povo: esta é a verdadeira questão. (...) Grave não seria a Igreja romper com o governo. Grave seria ela romper com o povo, incorrendo assim no mesmo erro que o governo"<sup>14</sup>. Poucos anos antes, palavras parecidas tinham sido ditas por Frei Beto numa entrevista de junho de 1979: "Não existe propriamente um conflito entre Igreja e Estado no Brasil. Existe um conflito entre Estado e povo. Pelo fato da Igreja se colocar do lado do povo e ter sido, sobretudo nos anos mais negros desta ditadura, a voz dos que não têm voz, o Estado, no seu conflito com o povo, encontra a Igreja. Ou seja, o conflito Igreja-Estado é uma decorrência da defasagem Estado-povo"<sup>15</sup>. (Citações similares poderiam ser multiplicadas à vontade.)

Há deslizamentos conceptuais evidentes nos trechos citados. Ora, o termo de referência para o atrito é o Estado, ora o governo, ora o regime (a ditadura), do mesmo modo que o termo povo às vezes é semantizado como "a nação", às vezes aparece recortando uma parte dela, "os pobres", "os que não têm voz". . . Mas isto importa menos, no momento. Importa mais é ter presente que aí está, neste mecanismo de transferência de identidades Igreja = povo, nesta superposição "natural" de campos Igreja/Nação, um dos componentes básicos do pensamento clerical no Brasil republicano: a denúncia recorrente do divórcio entre Estado e Nação, Estado e povo; por conseguinte, entre Estado e Igreja, entre o Estado e o "Deus do povo". Se porventura explode uma situação de conflito entre o poder público e a Igreja, a ilegitimidade certamente não está ao lado da Igreja. Ela tem a consciência de deter a legitimidade social que foi conferida a ela por seu profundo enraizamento na sociedade, no povo, na nação. A governos, elites governamentais, minorias dominantes etc., pode escapar esta força essencial, o povo, cujos laços ancestrais com a Igreja constituem, nos países de tradição católica, um dado de origem.

*Já antes de nascermos como nação,  
velava por nós a admirável Providência (...). Essa mesma Providência  
guiou e conduziu para nossas praias*

<sup>13</sup> Folha de S. Paulo, 2/9/81.

<sup>11</sup> Ralph Delia Cava, "Igreja e Estado no Brasil do século XX", *Estudos CEBRAP*, n.º 12, p. 15.

<sup>14</sup> Frei Beto, "O Povo na Roça de Deus", *Coojornal*, IV (42): jun/79

<sup>12</sup> Cf. *O São Paulo*, 17-23/7/81

*uma frota destinada a outras terras, e fez aparecer a seus olhos inesperadamente a terra do Brasil. Essa Providência, querendo adotar-nos logo como filhos de predileção, decretou que o primeiro sinal de domínio implantado na nossa terra fosse o sinal de Jesus Cristo; o primeiro estandarte a tremular nesse hemisfério fosse a cruz do Salvador; que o primeiro nome, como escolhido pelo próprio céu para designar a nova terra, fosse o de Vera Cruz e Santa Cruz. Que felizes auspícios para o nascimento de um povo! Que penhores de amor fino, que prometedores princípios!"* (Pastoral coletiva do episcopado brasileiro de 1900)<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Apud A. M. Moog Rodrigues, *A Igreja na República*. pp. 60-61.

<sup>16</sup> Leonardo Boff, op cit . p. 64

<sup>17</sup> Ibid.. p. 70.

<sup>18</sup> Ibid.. p. 140.

Povo brasileiro, povo católico, povo cristão, o bom povo, povo crente e oprimido, povo sofrido, povo simplesmente, os humildes, os pequenos, os fracos, os pobres, os infelizes, os proletários, os trabalhadores, as camadas populares, as classes laboriosas, as classes dominadas, os oprimidos e marginalizados, os deserdados, os desfavorecidos, as massas sofredoras, a multidão faminta, *Misereor super turbam!*, os lascados, a maioria. . . nem é preciso completar a lista destas variações sobre um mesmo tema, variações de harmonias e dissonâncias sutis. O popular pode-se cantar em vários tons e estilos, e acomodar-se a todo tipo de orquestração. No caso presente, de um registro a outro, da democracia à clerocracia, a passagem é muito fácil, quase um deslize. Afinal, de que adiantaria tanto afã e tanto zelo em ir ao povo se não fosse para tê-lo de alguma forma sob controle, entre as mãos?

**E**ste artigo começou elencando frases proferidas pelos entrevistados sobre a religiosidade essencial do povo brasileiro. Esta certeza de uma aliança primal e indissolúvel com o povo, de uma penetração radical nas entranhas da nação, está longe de se esvanecer. E isto se confirma também no documento oficial da Conferência de Puebla (1979) e até mesmo nos escritos dos teólogos da libertação. Não será preciso alongar as citações:

*A evangelização está nas origens deste Novo Mundo que é a América Latina. A Igreja faz-se presença nas*

*raízes e na atualidade do Continente. (Puebla I,4)*

*... a evangelização constituinte da, América Latina. . . (Puebla I,6)*

*Nosso radical substrato católico, com suas formas vitais de religiosidade vigente. . . (Puebla I,7)*

*Em face de si mesma, urgida por um pouco que pede o pão da Palavra de Deus e reclama a justiça, colocada na atitude de escuta deste povo profundamente religioso e, por isso mesmo, povo que coloca em Deus toda a sua confiança, a Igreja (. . .) tem realizado grandes esforços para dar uma resposta pastoral adequada a esta situação. (Puebla III,93)*

*A América Latina como um todo é um continente oprimido e crente. O catolicismo penetrou no tecido de nossos povos e moldou, em boa parte, a identidade continental.<sup>16</sup>*

*A Igreja católica sempre foi em nossa pátria um fator decisivo na formação de nossa identidade social. Ela pervade capilarmente todo o tecido social<sup>17</sup>.*

*Não se pode entender a identidade histórica do Brasil e, de modo geral, da América Latina sem a presença da evangelização constituinte, como a chama o documento episcopal de Puebla, feita pela Igreja ao longo de todo o nosso processo social. A religiosidade, particularmente de vertente católica, constitui, agrade ou não aos analistas, uma das estruturas básicas de nossa realidade<sup>18</sup>.*

Como se pode perfeitamente arrearar, a certeza de uma aliança mística Igreja-Nação, espelhadas uma na outra, ainda é um elemento-chave do discurso clerical latino-americano, o oficial, o tradicional e o de vanguarda. Segundo todos eles, estamos condenados ao catolicismo. "Agrade ou não aos analistas", ironiza o teólogo Leonardo Boff.

Não custa, para fechar o artigo, lembrar o silogismo simples de Jackson de Figueiredo, para quem, como se sabe, o catolicismo constituía o elemento mais fundamental da herança nacional brasileira:

*Nacionalismo = Tradição*

*Tradição = Catolicismo*

*Nacionalismo = Catolicismo.*

Antonio Flávio Pierucci é sociólogo, professor do Departamento de Ciências Sociais da USP, pesquisador do CEBRAP.

**Novos Estudos CEBRAP, São Paulo  
n.º 16, pp. 66-80, dez. 86**